

Boletim de Ocorrência

Ø 16

Os segredos do furto milionário

Episódio que expôs pequenos e grandes dramas, o misterioso furto de joias e dinheiro de uma agência bancária no centro de Porto Alegre é o 16º caso da série que lembrará, aos domingos de 2012, crimes enigmáticos

O crime

Vítimas:
Clientes com cofres no Banco Meridional

Época do crime:
Virada de 1995 para 1996

Cidade:
Porto Alegre

Principais suspeitos:
Não identificados

Motivação:
Financeira

Conteúdo de cofre de aluguel é sempre segredo muito bem protegido. Guarda contratos, testamentos, notas promissórias, cartas confidenciais. Também é depositário de joias de família e dólares, muitas vezes de origem suspeita.

Por isso, pouco se ficou sabendo sobre os valores reais do furto praticado por três homens na agência do Banco Meridional da Rua dos Andradas, em Porto Alegre, no feriado de fim de ano que incluiu a segunda-feira, 1º de janeiro de 1996.

Policiais estimaram o prejuízo em R\$ 40 milhões. Mas é uma suposição, apenas. Muitos perderam muito, porque mais complicado do que o silêncio seria revelar – e o fisco saber – o que os cofres continham.

As ruas do centro da capital gaúcha, como sempre, estavam vazias no longo feriado. A maioria dos clientes do banco comemorava a chegada do Ano-Novo na praia ou na Serra.

Todos tranquilos com seus segredos.

E os assaltantes tiveram como aliados o silêncio do vazio e o tempo. Estimou-se, à época, que tenham permanecido dois dias operando, porque até mesmo sobras de alimentos foram encontradas.

Havia 400 cofres de aluguel na agência. E eles escolheram 81, como se soubessem, ou presumissem, o que continha cada um.

Não tiveram problema para ingressar no prédio. Não existiam câmeras de segurança nos fundos da agência. E, estranhamente, nenhum guarda estava de plantão no feriado. Também o alarme não soou, se é que estava ligado. Com chaves falsas, abriram todas as portas, inclusive a do cofre forte, já sem o segredo.

Logo surgiu a especulação: ex-funcionários do banco teriam participado ou foram cúmplices.

Apenas na quarta-feira, dia 3, a imprensa soube o que havia ocorrido. No dia anterior, só a polícia foi avisada, para que fosse feito, com tranquilidade, o levantamento pericial. Os clientes foram mantidos à distância.

O consultor de empresas Vitor Felici tinha férias programadas em Florianópolis e, na terça-feira, foi ao banco apanhar no seu cofre a reserva destinada ao passeio. Informaram-lhe que a chave de acesso à sala dos cofres havia quebrado.

Transferiu a viagem e pediu dinheiro emprestado a um amigo, pouco antes de saber, na quarta-feira, que o dinheiro havia sumido.

Morador da zona sul de Porto Alegre, hoje com 74 anos, Felice se dá por satisfeito: as reservas eram poucas e ele recuperou todas as joias da família, de grande valor sentimental.

Os ladrões foram profissionalmente seletivos. Ficaram espalhados pelo chão centenas de documentos, bijuterias e moedas de valor menor.

Levaram dólares, marcos, ouro e joias valiosas.

O então chefe de gabinete da presidência do banco Meridional, Donatilo Colossi, calcula hoje que entre 60% e 70% dos clientes conseguiram comprovar os bens depositados e receberam os valores correspondentes.

Não era tarefa fácil. Decisões dos tribunais já haviam estabelecido jurisprudência: os bancos são responsáveis pela segurança dos cofres, mas não pelo seu conteúdo, porque este nunca é informado.

– Como vamos pagar se não sabemos o que havia dentro dos cofres? – observou na ocasião o presidente do banco, Leônidas Ribas.

A polícia trabalhou dois anos na busca dos autores do furto. Reuniu um bom número de informações e inclusive suspeitos. Mas não conseguiu provas suficientes para o indiciamento de alguém.

É considerado o maior furto a banco ocorrido no Rio Grande. E classificado pela imprensa como cinematográfico.

Roubo de cofre forte quase sempre é bom roteiro de cinema. Vide *Os Sete Homens de Ouro* (1965), *O Golpe do Século* (1966), *O Grande Golpe* (1984). Porque, além do suspense, existem grandes e pequenos dramas. Como ocorreu no caso do Meridional.

Há a história de um casal de idosos de quem levaram os R\$ 20 mil amealhados ao longo de anos e destinados a um cruzeiro pela Europa.

Bem maior foi o prejuízo de um senhor de cabelos brancos, aposentado, ex-sócio de uma empresa tradicional de Porto Alegre e que revelou reservadamente suas perdas: R\$ 1,5 milhão, em joias e dólares.

Comprar dólares à época só era permitido para viagens ao Exterior e ele decidiu nada dizer à polícia, para evitar ainda mais problemas com a Receita Federal.



Por Celito De Grandi



FOTOS MÁRIO BRASILE, BD 04/01/1996



Ladrões foram seletivos ao escolher 81 dos 400 cofres de aluguel do banco



REPRODUÇÕES

Polícia acredita que o bando agiu durante dois dias dentro da agência no feriado de Ano-Novo

